

O ESPECTRO

LISBOA

6 mezes..... 260
 Administração, Rua de D.
 Pedro V, 1 a 5.

SEMENARIO POLITICO

PROVINCIAS

6 mezes..... 320
 Administração, Rua de D.
 Pedro V, 1 a 5.

UM CONSELHO AO POVO

Cresce a onda. O governo é impenitente. A opinião dos homens de bem de todos os partidos exige a saída dos reprobos, que enxovalham as insignias do poder, e sismam apenas nos meios de enriquecer á custa do thesouro.

Mas o bando ainda não está saciado. O povo ainda tem braços para o trabalho. Nas suas veias ainda gira sangue que sugar.

Pois para diante, é que é o caminho.

Quem vier, que feche a porta.

Enganam-se.

O povo não está tão bestificado como a suaIVERSIDADE se compraz em imaginar.

Elle bem vê para onde o levam: elle bem conhece porque meios os **devassos** que o **governam** (1) procuram chegar ao seu fim.

Os seus olhos não se illudem, quando em cada passo d'estes meliantes vê um negocio, em cada providencia um favor aos syndicatos a que presidem.

Elle pode afirmar com inteira certeza que no paiz nunca pensaram, senão para o explorar, para o **roubar**.

Apontem-nos um acto d'estes sujeitos que se inspira no sentimento do bem publico; um que seja. E como Deus perdoava a Gomorha, se lá houvesse um justo, nós perdoaremos a estes gomorreos.

A sua vida oscila entre dois polos: **augmentar loucamente as despesas, para augmentar enormemente a divida—materia prima das grandes negociatas.**

Em menos de trez annos tem contraído mais de 30:000 contos de divida!

E fecha os seus orçamentos com saldos negativos de sete e oito mil contos!

E deixa crescer a divida fluctuante a cerca de deseseis on desesete mil contos, que ninguem sabe ao certo qual é o verdadeiro algarismo d'aquella divida!

Mas onde tem sido consumidos tantos milhares de contos?

Onde estão as obras de vulto, devidas á vossa rasgada iniciativa, que expliquem uma parcella sequer d'essa enorme cifra que o paiz tem de pagar

honradamente, porque vós, malvados, estaes investidos do poder de contrair dividas em nome d'elle?

Onde estão as obras, que expliquem o desaparecimento de tanto dinheiro, arrancado ao suor do povo honrado e trabalhador?

As obras do porto de Lisboa, esse padrão de eternas vergonhas, que n'um paiz menos abatido, teria feito processar por *ladrões* os heroes que o consumaram—essas obras ainda não começaram, se pode dizer, a pesar sobre o thesouro.

Então o que fizestes aos 30:000 ou 40:000 contos de divida que contraistes, vós que andaes impando de orgulho e vaidade, só porque n'um mez a divida fluctuante não subio mais 500 ou 600 contos?

Erguei a fronte, olhai firmes para o povo e applicai-lhe desassombradamente o destino que destes a tanto ouro, que applicado honradamente por homens illustrados, e bons e amigos devotados do paiz, teria feito a sua regeneração. E' verdade que no vosso consulado teem crescido todas as receitas publicas? Seja.

Onde está todo esse dinheiro?

No thesouro não ha um real e o que é mais—nem lá o consentiria aquelle enorme syndicato chamado Banco de Portugal organizado e montado á progressista.

Espalhado pela terra ou pelo mar em grandes melhoramentos, tão pouco. Ninguem sabe onde elles estão; ninguem os enxerga nem pode apontar, porque não se fizeram, porque não existem.

Mas o dinheiro desapareceu!

Mas tu, pobre povo, pagaste já com lingua de palmo o que os impostos vexatorios te extorquiram!

Tu, desgraçado, has-de pagar no futuro o que os successivos emprestimos te irão arrancando da pelle.

Não te ficará osso inteiro, porque has-de ser esmagado como um escravo, sob a garra adunca dos syndicatos, organizados todos os dias, para te devorarem até á ultima fibra do corpo.

Não sabes onde está o dinheiro que tanto te custou a ganhar?

Abre a porta d'esses novos **conventos**, chamados agora **repartições publicas**, e olha lá para dentro.

Não vês essa enorme multidão de gente, mais basta que as abelhas n'um cortiço?

Pois não são abelhas, são **zangãos** que os ladrões que te roubam ali accumulam, com obrigação de cantarem por toda a parte hymnos estrondosos ás glorias da sua administração.

E aturrido portanto estrondo, e deslumbrado por tantas glorias, tu desgraçado, como as victimas de antigos sacrificios, nem força tens para sacudir a juba e precipitares nos abysmos os **ladroes** que só te **roubam**, porque tu te deixas roubar.

Nães vês esses milionarios que se riem da tua pobreza, que te desprezam quando te encontram, que te salpicam de lama com as rodas dos seus esplendidos *landaus* e com as patas dos seus soberbos cavallos inglezes?

Não te lembras que ainda ha 3 ou 4 annos eram muitos d'elles uns pelintras, e outros apenas conhecidos, na sua modesta mediania?

Pois pede-lhes que te mostrem as fontes da sua riqueza.

Pergunta-lhes que minas de ophir descobriu a sua perspicacia.

Que te apontem esse novo *potosi* que em tão poucos dias os alçou a cima dos seus concidadãos, como estrellas de primeira grandeza nos horizontes da alta finança.

Pede ao **grande sacerdote** que ao menos te deixe ver de longe a celebração dos profundos mysterios de Marathona que tantas segredos desvendarão á tua vista.

El senão obtiveres resposta, vae tu ver com os teus proprios olhos.

Quando a voragem das despezas correntes ou a loucura de novos desperdicios, tornarem necessarios **novos emprestimos**—e olha que o momento não vem longe—vai para o pé dos cofres publicos, urna sagrada onde gota a gota cae o suor do teu trabalho—e põe-te á espreita.

Se lebares um bacamarte de bocca de sino, defendes o que é teu.

Pela calada da noite verás surgir na escuridão um vulto confuso e sinistro. Chama-se **operação bem combinada**.

Se para o teu lado o alumia a fraca luz de um perylampo, que nada te deixe ver claro nem distincto; para o lado d'elles guardou Edisson a melhor das suas descobertas.

Não traz rojão de correntes para te não assustar, nem vem envolvido em alvura de lençoes, não penses tu que é a morte.

Pois é ella mesma. Mette o bacamarte á cara e desfeca.

Mata-a antes que te mate.

Parece impossível? Pois já o padre Antonio Vieira recommendava o processo.

E no vulto estirado a teus pés esquadrinha bem, que has-de achar a explicação de muitos mysterios que te confundiam.

Marianno de Carvalho e Oliveira Martins

Vaidade, tudo vaidade, dizia n'outro tempo um propheta da antiga lei.

Se elle levantasse hoje a voz altisonante, e olhasse para este pobre paiz bem digno de outra sorte, sabes tu, ó povo, o que diria na sua phrase incisiva, esmagadora?

—Podridão, tudo podridão!

O sr. Oliveira Martins foi nomeado *administrador geral dos tabacos*.

Por baixo do decreto que o encarrega d'esta honrosa prebenda, ve-se como uma grilheta, a *assinatura* do sr. *Marianno de Carvalho*.

Ha muito tempo que d'este pestifero pantano da politica portugueza não saiu emanação mais nauseabunda, mais repugnante, mais deleteria.

Que effeito que tudo isto terá sobre a consciencia publica!

O pantomineiro, que o cynismo tem couraçado á prova de todas as infamias acaba de provar mais uma vez que a vergonha, que a decencia, que o respeito da propria dignidade são bugiarias que só prendem os honrados, os homens de bem, e toda a especie desprezível de tolos, no escalão d'este miseravel.

Raros dias se passavam, sem que o *Diario Popular*, molhando a penna na sargeta onde vai buscar inspiração das suas doutrinas, descompozesse o sr. Oliveira Martins, mettendo a ridiculo o seu saber, escarnecendo da sua *apregoadada* rectidão; zombando das suas apreciações politicas, que pareciam ás vezes tocadas de uma certa imparcialidade.

Oiçam o que o *Diario Popular* de 17 de Setembro dizia do sr. Oliveira Martins:

«Esfuzia raivadas amarellas o outro porque riram das suas anthropologias de fancaria, das suas criticas historicas com avaria grossa, ou **das suas pretensões a ministro... mediante provas publicas de companhias arruinadas...**

«Se para vendilhões se carece de azorragues, **para taes enxurros e podridões sociais bastam basculho e vassoura, que á cautella será preciso desinfecar para não se tornarem focos epidemicos.**

«O mais curioso é o supremo impudor com que um vagabundo e **um bandido politico** pensa apresentar-se como reformador da sociedade e moralizador da politica.» (*Diario Popular*, 17 de setembro de 1885.)

Isto foi hontem.

Hontem o sr. Marianno chamava a Oliveira Martins **um bandido?**

Logo hoje ou amanhã ha-de rojar-se-lhe aos pés como um cão.

Hontem emporcalhou-o com a baba postulosa que aquella lingua de vibora segrega de todas as podridões?

Pois ha-de ser **levado** hoje em pleno dia, diante do paiz assombrado, para mostrar ao povo e ao Rei, que quando as nações perderam o sentimento do decoro, a tal ponto que consentem no fastigio do poder leproso d'aquella laia, estão com certeza nas vespéras de algum grande acontecimento.

O sr. Oliveira Martins bem o sabe, que conhece a philosophia da historia como poucos.

Que dirão agora os dois quando e encontrarem?

Não será um do outro que se hão-de rir, como os antigos augures de Roma, mas de nós todos—mas do paiz que vai por ventura levado na enxurrada.

Mais uma mariolada

Vamos tratar de uma questão importantíssima e de grande interesse para a industria portugueza e para o nosso commercio: querêmo-nos referir á questão da sellagem dos tecidos.

Esta prejudicial medida que o tunante da fazenda poz em pratica, tem levantado a maior indignação contra si das casas mais respeitaveis do nosso commercio licito, e os protestos das associações commerciaes de Lisboa e Porto.

O Sr. ministro da fazenda acaba de sobrecarregar a industria lanificia com mais um vexatorio e pezadissimo imposto que ha-de ser pago pelos commerciantes em prejuizo das classes menos abastadas.

O negociante da fazenda não tem feito outra coisa desde que se apoderou d'aquelle ministerio, senão **roubar** descaradamente os contribuintes, **mancomunando-se** com os seus socios em negociatas bem pouco edificantes.

E fiquem certos os nossos leitores que na questão da sellagem dos tecidos o **bilhastre da fazenda** tem em vista alguma negociata, pois que este marmanjo tudo quanto faz é sempre com o intuito de se governar.

Esta nova exigencia não é só violenta e excessiva, como deshumana para os desgraçados que não tem fortuna, para poderem pagar as enormes contribuições exigidas pela pessima administração do **insultador de El-rei**.

Não é só uma medida perigosa nas mãos de um **aventurêiro** como o Sr. Marianno, como attentatoria e prejudicial aos interesses da nossa industria, e do nosso commercio.

Segundo as disposições da nova lei, todos os objectos de vestuario, tecidos, tellas nacionaes ou estrangeiras, serão sellados com um sello fiscal, não poderão ser postas á venda, sem se sujeitarem a esta exigencia.

A sellagem será feita nas Alfandegas ou nas estações de sellagem estabelecidas nos principaes pontos do paiz, ou nos proprios estabelecimentos a onde forem manufacturados esses artigos.

De forma que os fabricantes podem exigir que a sellagem seja feita no seu estabelecimento.

O pessoal da sellagem porá os sellos em todos os artefactos fabricados, no principio da fabricação, a titulo de provisorios, e no final da fabricação serão postos os sellos definitivos.

O fim da sellagem diz o malandrim da fazenda, que é para evitar contrabando!!

Mas como a sellagem no caso que apontamos, se destina apenas a obrigar o fabricante a apresentar á sellagem sómente os productos da sua industria, o que fazem os industriaes que ficam perto da raia, e que são amigos ou **socios do contrabandista mor da fazenda**? tratam de se fornecer por meio de **contrabando** de tecidos hespanhoes, que são muito mais baratos que os portuguezes, e d'esta forma burlam o fabricante honrado, e matam completamente a industria nacional, pois que ella não pôde competir com as

preços dos artigos que vendem os socios do sr. Marianno de Carvalho.

E ainda mais podem fazer, que é **subornar** o pessoal e elles sellarem os artigos como sendo de industria nacional.

Pois desde que os **ministros da coroa se vendem**, não é muito que um pobre empregado cheio de familia, imite os seus superiores.

E aqui tem os nossos leitores o fim que o salteador da fazenda teve ao vexar os industriaes honrados, com a infame sellagem dos tecidos.

Sempre **roubos**, sempre **gatunices** e sempre **pullices** é que este reles ministro faz.

Os homens de bem

Temos fallado dos **ladrões** e dos **devassos** e dos **insultadores da honra alheia**, porque não havemos de fallar do bom povo, d'aquelle que trabalha, que dá cidadãos dignos, que bem honram a patria?

Não vamos fazer a historia de alegres festas de orgia e de amor, vamos fazer a discrição do quadro horroroso e fatal de miseria e de dôr dos homens do trabalho.

Já mostrámos as **faces hediondas e estanhadas dos scelerados do governo**; vamos mostrar tambem os rostos macilentos e lividos dos desgraçados que constituem a maior riqueza dos paizes; dos infelizes, que em pagamento da sua actividade, lhe conquistam as mais puras e resplendentes coroas de gloria; dos despretegidos, que dão á sociedade todas as regalias de que ella necessita, e lhe satisfazem todas as necessidades os artistas, os trabalhadores, n'uma pallavra **o povo**.

O que haverá de mais nobre que o trabalho?

Quaes são as coroas que significam mais honra, do que as alcançadas nas grandiosas exposições da industria?

Aonde existem os titulos mais illustres, dos que são adquiridos nas officinas, que fornecem actualmente á sociedade tudo quanto ella lhe exige?

Para que serve ser filho de um **ministro da coroa**, quando a opinião publica é unanime em declarar o paé como **um corrupto, como um syndicateiro** etc, etc? não é mais honroso ser filho de um honrado trabalhador, que não conquistou um titulo ou um logar a troco de **torpesas** ou de **infamias**?

Haverá alguma cousa mais illustre do que os titulos alcançados pelos homens que nas luctas do trabalho só ganham um parco alimento, que a maioria das vezes é obtido a troco da deterioração da saude e do risco eminente da vida, sem que d'estes sacrificios possa resultar-lhe ao menos a esperanza de não deixar a fome e a miseria como herança aos filhos e á esposa?

E todavia nenhuma **classe** tem sido mais **coardamente offendida pelo actual governo**, do que a dos artistas e a dos trabalhadores.

Para o povo e portanto para os artistas e para os trabalhadores não ha regalias algumas, mas apenas o desprezo e o augmento excessivo das con-

tribuições, e d'esta forma, se esmagam duas classes, de que a sociedade depende.

Mas que importancia tem para os poderes publicos, o povo, senão para d'elle retirar o preciso para sustentar os inuteis e os comilões.

E' necessario que o povo se levante do lethargo em que se encontra, que quebre as algemas da escravidão que ainda conserva nos pulsos; que se una como um só homem, para garantir o seu bem estar, e para se tirar do abysmo em que os traidores o teem lançado.

E' urgente que o povo derrube pela força os devassos da situação, pois que é este o unico meio das classes trabalhadoras serem protegidas, e gozarem das regalias que só devem ter os homens de bem, que pelo seu trabalho se tornem merecedores do respeito de todos.

SECÇÃO BANCARIA

Álerta!

Vamos desfiar esta meada e mostrar bem claramente a podridão, em que o actual governo tem posto os Bancos.

Começarêmos a descrever os escandalos e abusos praticados pelas direcções de alguns bancos de Lisboa, em prejuizo dos accionistas.

I

Banco Cooperativo Commercial

Os accionistas d'este banco ainda não receberam os relatorios das contas, e não obstante elles não terem auctorizado a sua liquidação, os directores deliberaram suspender as transacções por um periodo determinado.

A direcção sem licença da Assembléa Geral, levantou da Caixa Geral dos Depositos o dinheiro que alli se achava depositado, como garantia para poder fazer as suas transacções sobre penhores.

Ultimamente teem apparecido publicados em diversos jornaes, annuncios em que se declara que este banco começa novamente a fazer as seguintes transacções de emprestimo sobre penhores e papeis de credito.

O que foi feito do dinheiro, que os principaes accionistas deram para a instalação do banco e suas primeiras operações?

Que o povo se acautelle, pois que nos parece que este banco, não dá as garantias sufficientes para fazer as suas transacções.

Continúa.

O escandalo do Hospital de S. José

Afinal, segundo nos consta, não chegou a realisar-se o indecentissimo escandalo que se projecta-

va, e a que já aqui nos temos referido. O ministro do reino recusou-se a sancionar a pretensão do sotaina impudente, que depois de ter sido expulso da secretaria da Camara municipal, onde praticou toda a casta de escandalo, queria a todo o transe que o nomeassem para o quadro da contadoria do Hospital de S. José!

Os clamores da imprensa opposicionista obstaram a que esta patifaria fosse por diante, como pretendia um famigerado Conego granjola, protector do padre Oliveira. E o resultado foi o padre ficar *pintado*, e descobrir-se que afinal não passava de um réles intrujão, quando pretendia inculcar que tinha o ministerio todo na algibeira, e que havia de conseguir tudo que quizesse.

E lá continua o marmanjo a exercer interinamente o logar em que queria ser provido definitivamente, mas a exercel-o de um modo tão digno e correcto, que ainda ha dias o vimos, pelas 11 horas da manhã, pouco mais ou menos, isto é, quando devia estar na Repartição trabalhando, a **passar na rua do Arco da Graça!**

Na Repartição, provavelmente, dera parte de doente!

E' onde pode chegar o descaramento de um sotaina réles!

Ora quando se resolverá a Administração do hospital a pôr côbro de vez a estes e outros escandalos expulsando da Contadoria este sacratissimo *páu do ar*, sem vergonha, sem dignidade e sem orthographia?

QUESTÃO DO GAZ

O sr. Marianno de Carvalho, director da antiga Companhia do Gaz, vae propor no dia 10 do corrente em assemblea geral d'esta companhia o augmento de capital. Consta-nos que se vão emittir por todo o mez de Janeiro dois mil contos em obrigações da antiga companhia afim de pagarem as canalisações e mais material á nova companhia do Gaz. Chamamos a attenção dos logistas de Lisboa, por ser esta classe a mais lesada se a fusão se fizer.

Esta importante classe dos logistas já em tempo protestou contra a antiga companhia que se ia dispondo a não querer illuminar a cidade em vista da concessão que se fez á nova companhia.

Se a nova companhia realisar a fusão com a antiga teremos de pagar o Gaz pelo dinheiro que a antiga companhia exigir. Acautellem-se os logistas que o sr. Marianno de Carvalho de tudo faz monopolio.

O sr. Marianno receberá, se a fusão se fizer, 150 contos e distribuir-se-ha igual quantia pelo sr. Palha, ex-presidente da Camara Municipal e mais alguns amigalhotos.